

MOVIMENTOS SOCIAIS



Na análise de Movimentos Sociais, o boletim discute a relação entre as mobilizações pela liberdade de Lula e seu direito de ser candidato a presidente com as lutas sociais em curso. Essa campanha é central e as mobilizações programadas dão o tom do que se deve esperar da conjuntura brasileira para o próximo período. É o caso do “Dia do Basta”, convocado pelas centrais sindicais para o próximo 10 de agosto.

Lula é central para os movimentos sociais

O “Dia do Basta”, convocado pelas centrais sindicais para 10 de agosto, trata da retirada de direitos da reforma trabalhista, do desemprego, que segue em ritmo forte, e da questão previdenciária, que continua indefinida no Brasil.

Evidentemente parte desse processo deve centrar força na tese de setores da classe trabalhadora, em especial da CUT, que acreditam que essas questões seriam resolvidas por um novo governo do ex-presidente Lula.

Essencialmente, o Dia do Basta retrata a grave crise que assola a classe trabalhadora, tanto sob o ponto de vista econômico quanto do ponto de vista das relações de trabalho, numa nefasta combinação forjada entre piores condições de vida e ruptura democrática.

Essa mobilização nesse momento traz sinais que ultrapassam a conjuntura imediata. Há um claro recado das centrais sindicais no sentido de que não há possibilidade de permanência do cenário de austeridade que toma conta do país. Nesse sentido, mesmo aquelas centrais cujos dirigentes chegaram a apoiar o golpe não encontram alternativa a não ser a unidade de mobilização, a exemplo do ocorrido na greve geral de abril de 2017, que barrou a Reforma da Previdência.

De outro lado, uma grande parte da classe artística brasileira também se mobiliza. Nesse caso, tratando objetivamente da necessária liberdade imediata de Lula. É o que conta a história do Festival Lula Livre, no Rio de Janeiro, em 28 de Julho.

Para além das divergências políticas, os artistas apontam para a necessária retomada democrática, em que se apresenta como central a superação da arbitrariedade cometida contra Lula.

Esses sinais de setores da sociedade são contundentes às vésperas da definição do cenário eleitoral de 2018. Isso porque historicamente a metade do ano eleitoral é marcada pelo aprofundamento das fragmentações, especialmente da esquerda. É nesse momento do ano que as candidaturas se apresentam, especialmente após 2002, seria nesse momento que se aprofundariam as críticas de setores da esquerda ao projeto de Brasil defendido pelo PT.

Isso aponta para uma reflexão acerca da chamada necessidade de união das esquerdas. Isso porque primeiro essa unidade se apresenta de forma factual. Artistas, trabalhadores e mesmo boa parte da classe política de esquerda é inequívoca ao defender a liberdade de Lula e seu direito de ser candidato a presi-

dente. Se essa unidade vai se converter num processo eleitoral unificado, isso é outra história.

O fato é que a prisão injusta de Lula e as atrocidades cometidas mesmo após esse encarceramento colocaram o ex-presidente no centro da conjuntura nacional. As alianças locais estão praticamente todas bloqueadas enquanto não se define a situação de Lula, especialmente no Nordeste. Boa parte das alianças nacionais também não se define em virtude do que podemos chamar de “efeito Lula”.

O fato é que o Poder Judiciário brasileiro conseguiu travar a democracia em níveis alarmantes. Não se trata de um homem preso, trata-se de uma enorme parcela do povo pobre e trabalhador desse país reafirmando a sua identidade, a sua preferência e a sua posição, que transcende as meras manobras institucionais da elite do atraso.

Essa constatação é capaz de trazer severas dúvidas com relação àqueles que defendem uma unidade da esquerda sem a liderança de Lula ou do PT. Ou ainda com aqueles que defendem que o partido ou Lula devem se antecipar e desistir da única candidatura que seria capaz de vencer as eleições no primeiro turno.

Primeiro porque a unidade deve ser vista com os olhos de se avançar no sentido da hegemonia, ao menos naquilo que os clássicos teóricos da esquerda ensinaram. Assim, como construir unidade e obter hegemonia abrindo mão da maior força política e social já construída pela esquerda brasileira em sua história?

Essa mesma pergunta se aplica para a questão da antecipação de Lula ou do PT ao processo de definição da cabeça de chapa petista antes da decisão sobre a elegibilidade do ex-presidente. É interesse da elite

nacional e da mídia que o PT indique outro nome antes que o STF precise passar pela vergonha de impedir Lula de disputar as eleições.

Essa seção costumeiramente analisa as táticas e estratégias dos movimentos sociais e, portanto, tem o compromisso de se atentar aos discursos e avaliações das principais lideranças especialmente dos maiores movimentos. É interessantíssimo como não há nenhuma grande liderança social ou sindical, com grande responsabilidade de representação, que defenda essa sandice do “plano B”.

Assim, talvez a principal conclusão a que possamos chegar nessa quadra histórica é que o PT e Lula centraram fogo numa estratégia que ouve as suas bases. Especialmente porque, mesmo depois de cem dias preso, Lula não caiu em nenhuma pesquisa de intenção de voto, chegando inclusive a crescer em alguns casos. Esse talvez seja o grito de indignação que tantos afirmam não existir.

A última pesquisa Vox Populi, publicada em 26 de julho, aponta que as pessoas acreditam ainda mais que: Lula é o melhor presidente que o Brasil já teve; a admiração popular por Lula aumenta, e que nos treze anos de governo do PT, com Lula e Dilma, a vida das pessoas melhorou. Os números inclusive aumentam no sentido de um maior entendimento do grande público com relação à sensação de perseguição do Poder Judiciário contra Lula.

Todas essas questões podem ser centralizadas na seguinte conclusão: toda a conjuntura política do Brasil passa por Lula. O fim do golpe precisa ter esse elemento em conta, sob pena de efetivarmos mais um processo eleitoral que deixe de fora a classe trabalhadora e construa um Estado voltado para o interesse das elites.